

## Impasses e negociações na prosa de Domício da Gama

Haroldo Ceravolo Sereza<sup>1</sup>

**Resumo:** Apesar das fortes conexões políticas e sociais que estabeleceu no espaço literário de língua portuguesa, tanto no Brasil quanto em Portugal, graças a sua atuação como jornalista e diplomata, a produção literária de Domício da Gama apagou-se da história e da crítica literária brasileira do século XX. Alguns estudos recentes têm resgatado a obra do autor, que não se enquadra perfeitamente nas tendências dominantes do final do século XIX e início do XX no país. Além de procurar apresentar algumas razões para essa obliteração, este artigo procura discutir contos de Gama que debatem conceitos e questões da produção e da percepção artística.

**Palavras-chave:** Domício da Gama. Academia Brasileira de Letras. Impressionismo literário.

### Introdução

Numa nota de rodapé de sua *História da literatura brasileira*, Nelson Werneck Sodré (1982, p. 472) refere-se assim a Domício da Gama (1862-1925): "Nasceu em Maricá, província do Rio de Janeiro. Diplomata e jornalista, deixou contos que merecem leitura ainda, nos volumes *Contos a meia tinta* (1891) e *Histórias curtas* (1901)". A nota anterior, na mesma página e que do mesmo modo apresenta um recorte biográfico, é dedicada a seu contemporâneo Lúcio de Mendonça (1954-1909), nascido também na província do Rio de Janeiro, em Barra do Piraí, mas que é apresentado como "poeta, romancista e panfletário".

A ordem das profissões que qualificam cada uma dessas personagens da vida literária do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX indica como, no caso de Domício da Gama, embora ele tenha sido presidente da Academia Brasileira de Letras, sua biografia acabou sendo destacada por sua atuação diplomática.

Gama não fez parte do grupo de 30 autores que fundaram a instituição, mas, quando da escolha dos dez nomes que completariam as 40 cadeiras até hoje existentes, foi eleito, em

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Jornalista, graduado pela ECA-USP, atuou como crítico literário e repórter cultural do jornal "O Estado de S. Paulo", foi correspondente em Paris da Folha de S. Paulo, editor da primeira página do portal UOL. Dirige o site Opera Mundi desde 2009 e é editor da Alameda Casa Editorial desde 2004. Autor dos livros "Florestan - A inteligência militante" (Boitempo) e "À Espera da Verdade - histórias de civis que fizeram a ditadura militar" (Alameda, 2016) e "Trinta e tantos livros sobre a mesa" (Alameda). Premiado como editor com o Jabuti de Livro do Ano - 2015, categoria Não-Ficção, com "A Casa da Vovó - Uma biografia do DOI-CODI", de autoria de Marcelo Godoy. SP, SP, Brasil. E-mail: hsereza@gmail.com.

quinto lugar, com 13 votos, mais do que os também escolhidos Eduardo Prado (12), Clóvis Bevilácqua (11) e Oliveira Lima (11), nomes mais frequentes nos estudos sobre a vida literária e social do período; Aluísio Azevedo, autor bem mais badalado na época, teve 15 votos, a terceira votação (HENRIQUES, s/d, p. 61).

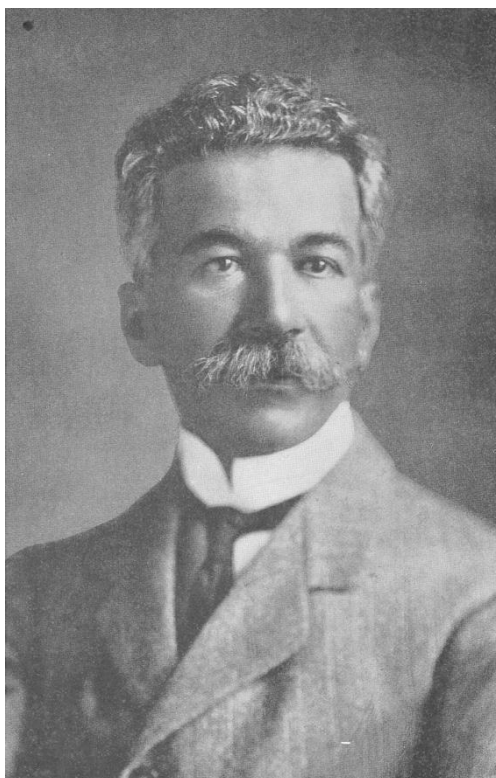


Fig. 1: Domício da Gama (1862-1925).<sup>2</sup>

Apesar disso, sua atividade de escritor acabou tornando-se uma nota de rodapé de sua biografia, em que prevaleceu a imagem não do presidente da ABL (um breve mandato em 1919, sucedendo Ruy Barbosa), mas a de auxiliar e sucessor do Barão do Rio Branco na diplomacia brasileira. Como sintetizou Alberto Venancio Filho (2001, p. XI) num discurso em homenagem a Gama proferido em 21 de maio de 1998, Gama teve uma destacada carreira diplomática, tendo participado inclusive das negociações referentes ao pós-guerra, em 1918:

foi feito ministro no Peru em um momento difícil de problemas fronteiriços, foi depois ministro na Argentina, também em período delicado. E quando morre Joaquim Nabuco em 1909, quem Rio Branco escolhe para embaixador em Washington? Domício da Gama, que, durante oito anos, realizou uma grande política diplomática, defendendo os interesses do setor cafeeiro

<sup>2</sup> Academia Brasileira de Letras, Arquivo Domício da Gama. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/acervos>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

brasileiro. Granjeou um grande círculo de amizades nos círculos diplomáticos e políticos norte-americanos, que foram muito úteis quando da Conferência de Versalhes em 1918.

De fato, a vida literária de Domício da Gama foi bastante obscurecida por sua atividade político-diplomática. Não são poucos as teses e artigos sobre sua influência na criação de uma cultura no Itamaraty.<sup>3</sup>Sobre sua obra literária, há dois trabalhos de maior fôlego: uma tese de doutorado, *Vida e obra do escritor Domício da Gama: um resgate necessário*, de Luís Eduardo Ramos (1988), e edição digital, em livro, de *Domício da Gama e o impressionismo literário no Brasil*, Franco Baptista Sandanello (2017), de com mais de mil páginas, também resultado de uma pesquisa acadêmica (um pós-doutorado), que se preocupou em recuperar o máximo possível de textos de Domício, inclusive os inéditos em livro difundidos por diversos periódicos.

Para além de seu sucesso no campo diplomático, contou para esse ostracismo de Domício da Gama o fato de ter publicado apenas dois livros – na verdade, um livro e meio, porque muitos dos contos que integram *Histórias curtas* já haviam sido publicados em *Contos a meia tinta*. No discurso de recepção a Gama, Lúcio de Mendonça já indicava a pouca dedicação de Gama em transformar sua produção dispersa em jornais em livros:

O ilustre companheiro que hoje recebemos, chamado a nós por eleição unânime, tem o melhor de sua bagagem literária, já avultada, prodigamente dispersa na imprensa periódica; até hoje, publicou apenas um livro de prosa, *Contos a meia-tinta*, que são primores de observação psicológica; mas sobeja-lhe matéria para meia dúzia de volumes de igual ou maior tomo (MENDONÇA, s/p).

Em 1890, Gama assinava regularmente uma coluna no jornal *Gazeta de Notícias*, de Ferreira de Araújo, intitulada *De Paris* (em outros momentos, *Carta de Paris* e *Cartas de Paris*). Frequentemente, Gama enviava alguma notícia da capital francesa, que era alçada à primeira página do cotidiano que se destacava no cenário jornalístico do Rio pela publicação de diversos jornalistas e escritores de renome. Essa ligação com a *Gazeta* é que levou Gama a ser apresentado para Rio Branco, na casa de Eduardo Prado. Segundo Medeiros e Albuquerque (autor do verbete dedicado a Gama no *Dicionário Literário Brasileiro*, de Raimundo de Menezes, p. 297), Olavo Bilac o apresentou a Eça de Queirós, de quem se tornou próximo. Maria Vitória de Mesquita Benevides (2001) conta que, segundo Afonso Arinos de Melo

<sup>3</sup>Com destaque para a tese *Self Made Nation: Domício da Gama e o pragmatismo do bom senso, de Tereza Cristina Nascimento França*, defendida na UnB em 2007. Tereza Cristina prepara, atualmente, uma biografia de Domício da Gama, como bolsista do Programa de Residência em Pesquisa na Biblioteca Nacional.

Franco, Gama era chamado por seu amigo Eça de õmulato cor-de-rosa<sup>4</sup>, um apelido que não esconde o peso racial da ascendência de Gama – filho de um imigrante português com uma mulher muito pouco referida na sua biografia, era um negro mais claro que Machado de Assis na ABL, mas nem por isso totalmente livre da õmarca de corõ. Segundo Maria Filomena Mónica (2001, p. 317), biógrafa de Eça, um dos poucos passeios públicos de que se tem notícia do escritor português õfoi a visita que fez a Rouen, em novembro de 1890, quando ali se deslocou, de trem, para a inauguração da estátua de Flaubertõ:

Quem tivesse entrado na carruagem, teria visto, de um lado, Eça, Olavo Bilac, Domício da Gama e Eduardo Prado e, do outro, Maupassant, Zola, Edmond Goncourt e Daudet. Não era apenas a timidez que afastava Eça da vida artística parisiense. Eça tinha um cargo oficial, o que lhe exigia uma compostura nem sempre adequada à vida boêmia que muitos escritores levavam (MÓNICA, 2001, p. 317)

A correspondência de Gama, fartamente citada por Sandanello, inclui outros nomes que integram os cânones literário e político brasileiros. Ou seja, o capital social literário e jornalístico do autor foi central para que ele encontrasse espaço na vida diplomática e convivesse com escritores de renome. Ele não foi suficiente, no entanto e paradoxalmente, para que Gama fosse incluído num rol de escritores canonizados ou populares.

Além do fato de ter jogado pouco peso na publicação de seus contos em livros e de ser supostamente avesso à publicidade,<sup>5</sup> numa época de apelo à manipulação jornalística e publicitária radical, como demonstra o caso narrado por Leonardo Mendes e Paola Oliveira em torno do livro *Suicídio!*(1895), de Figueiredo Pimentel – em que o autor provoca a notícia de seu suposto suicídio e consegue esgotar a primeira tiragem de um romance enquanto estava desaparecido, segundo a imprensa da época (MENDES e OLIVEIRA,

<sup>4</sup>Gilberto Freyre cita também, explicitamente, a forma como Eça tratava Domício da Gama para exemplificar a figura do õbacharel mulatoõ, que, na literatura, foi representada por Raimundo, personagem de Aluísio Azevedo em *O mulato*. Assim, se tomarmos as características atribuídas por Freire a Raimundo, o õmulato cor-de-rosaõ seria õalto, cabelo um tanto crespo, mas de um preto lustroso; a pele amulatada, mas fina; os olhos, grandes e azuis ó azul que puxara do pai; o nariz direito, a fronte espaçosa, o pescoço largo; ðentes claros que reluziam sob a negrura do bigodeõõ Ainda segundo Freire, õesses mulatos cor-de-rosa, alguns louros, olhos azuisõ, podiam õpassar por brancos em lugares onde não soubessem direito sua origemõ (FREYRE, 326-327).

<sup>5</sup>õEle pertence, cuido eu, aos espõritos de eleição, em toda a parte verdadeiramente raros, que têm, e conservam sempre, mesmo em plena atividade literária, com o gosto forte das letras, um certo e recatado pudor da publicidade. Nunca satisfeitos consigo mesmos, e, simultaneamente, com um justo sentimento da seriedade da obra literária, do que ela vale pelo que lhe puseram de sinceridade e amor, não é jamais sem um calafrio de temor, sem uma secreta repugnância, que a entregam à curiosidade banal ou malévola, indiferente ou boçal do publicõõ (VERÍSSIMO, p. 146).

2015)<sup>6</sup>, é possível especular que Gama tenha ficado de fora das páginas mais importantes das nossas histórias literárias por conta da difícil classificação de seus escritos. Uma carta de Domício a Veríssimo em 1898, que antecede a longa leitura do crítico a *Histórias curtas* (recuperada por Borges e citada também por SANDANELLO, 2017, p. 139), sugere, no entanto, que Domício pretendia, sim, atuar em favor de sua carreira literária, chegando a discutir como fazê-la acontecer com Verissimo, mas não encontrou meios tão eficientes como o de outros escritores do período.

Werneck Sodré, já mencionado e que valoriza sua obra (seus contos ainda merecem ser lidos, afinal), não chega a classificá-lo. Wilson Martins (1979, p. 376) diz apenas que Gama foi um òglorioso escritor de segunda categoriaö que produziu contos õbem-intencionadosö. Já Lúcia Miguel Pereira (1957, p. 56) diz que ele é um dos poucos que se aproximam da prosa de Machado de Assis, junto com Raul Pompeia e Pedro Rabelo. Segundo ela, Domício da Gama é um òautor de alguns contos estimáveis, posto que talvez intelectualizados demais na concepção, e por demais rebuscados na formaö. No mesmo livro, Miguel-Pereira (1957, p. 243) elogiará Gama rapidamente em duas ocasiões, dizendo que, com Artur de Azevedo, escrevia os melhores contos da época, abaixo apenas de Machado de Assis, e, agora com ressalvas, que algumas de suas *Histórias curtas* õseriam excelentes se não lhes comunicasse um cunho artificial o estilo excessivamente trabalhador; ainda assim, constituem, com as de Raul Pompeia, os melhores trabalhos de prosa parnasiana de ficçãoö (p. 257).

O fato é que Gama se afasta do discurso naturalista ainda dominante na literatura brasileira do período e constrói uma prosa própria, que, em alguns momentos aproxima-se de um certo tom machadiano, mas também não é uma solução razoável colocá-lo no mesmo escaninho que o do escritor brasileiro mais incensado. Aliás, é curioso que essa aproximação tenha sido feito, entre o mais badalado e o, proporcionalmente, a partir do que se podia esperar de sua inserção social, mais esquecido. Fernandes (2011, p. 19) nota que os salões, õas casas das famílias da alta burguesia, os meios diplomáticos, os espaços públicos e privados de países da Europa, nas óperasö são os espaços em que Domício da Gama insere seus personagens, em geral jornalistas, diplomatas, nobres, comerciantes e estrangeiros. Há,

---

<sup>6</sup> òO suicídio era outro tema tabu como o aborto que ele tinha a audácia de trazer para a literatura pelo naturalismo. O mistério só terminou quando o escritor Medeiros e Albuquerque (1867-1934) foi a Niterói levar os pêssames à família em nome dos homens de letras da capital, alguns dias depois. A essas alturas Figueiredo Pimentel já retornara à própria casa e foi surpreendido na sala de jantarö (MENDES e LEITE, 2015).

proporcionalmente, muito mais homens que mulheres. As relações, nesses casos, são, na grande maioria dos contos, horizontais: não há castas e hierarquias em fricção e exercício de poder, o que, de certo modo, o afasta do universo de Machado de Assis. Mas é mais frequente a aproximação entre Gama e Raul Pompeia, pretendida pelo próprio Gama, que pôde escolher a cadeira de número 33 e homenagear o autor de *O Ateneu* na sua entrada na Academia Brasileira de Letras.

Sandanello defende que a prosa de Gama deve ser incluída na classificação de *õimpressionismo literário*, uma categoria em que figurariam, entre as figuras de proa, Marcel Proust e Henry James. Na prosa brasileira contemporânea, Sandanello sugere Menalton Braff como um dos escritores que poderiam ser incluídos entre os impressionistas, o que explica o entusiasmo do próprio Braff (2017, p. 23), demonstrado na apresentação do livro de Sandanello: *õEste estudo avulta em importância se considerarmos que Domício da Gama, com ele, ressurgiu do esquecimento e ganha espaço no panteão de que é merecedor*.

Esse recorte de Sandanello é interessante e favorece a compreensão da especificidade de Gama no cenário literário brasileiro. Mas não chega a abrir um caminho mais consolidado para definir a prosa de Domício da Gama. A própria ideia de que exista um *õimpressionismo literário* é tema de forte controvérsia entre os críticos. Como mostra o próprio Sandanello, há três tendências que discutem as características do que seria o impressionismo literário, divididas entre *õnegativista*, *õcomparatista* e *õnarrativista*:

Há, grosso modo, três grandes tendências interpretativas do impressionismo literário: aquela que nega sua existência mediante o argumento de que não há um conjunto de técnicas literárias que adapte o impressionismo ao texto (i.e., defendendo uma existência puramente pictórica do impressionismo); aquela que o interpreta como a transposição do impressionismo pictórico ao meio literário, seguindo a definição inaugural de Ferdinand Brunetière (i.e., debruçando-se sobre aspectos estilísticos da prosa e da poesia, bem como sobre semelhanças conceituais entre a pintura e a literatura, sem limitar seu *métier*); e aquela que o considera como uma via de expressão autônoma, marcada pela experimentação com a focalização e com a perspectiva narrativa (i.e., definindo seu *métier* em função de aspectos narrativos, em detrimento da aplicação do termo à poesia) (SANDANELLO, 2017, p.91).

Além disso, a defesa que Émile Zola fez dos impressionistas nos anos 1870, permite ver a influência dos impressionistas sobre a literatura<sup>7</sup> tendo como fruto as próprias obras naturalistas — o naturalismo literário seria a expressão literária do impressionismo na pintura, se não pela indefinição, pelo recorte de cenas populares, a democratização dos sujeitos das

<sup>7</sup> Cf. a antologia *Le bon combat ó de Courbet aux impressionistes*, organizada por Jean-Paul Bouillon.

obras de arte, o colorido das cenas e o apelo sensorial permitido pelas longas descrições. De todo modo, o naturalismo não se enquadraria, na definição de Sandanello, no impressionismo literário: o mais próximo que chegaria seria à ideia de ãimpressionismo na literaturaö. Sandanello, destacando trecho da carta citada de Gama a Veríssimo, sugere que o desejo do escritor de ãsobre os fundamentos robustos da ciência assentar uma obra leve e graciosa e bem arquitetada, bem ajanelada e aberta, passada de claridade e alegriaö correspondesse a representar, no Brasil, o projeto de Alphonse Daudet, e não o de Zola, na literatura brasileira. Daudet foi um dos escritores mais lidos no Brasil do século 19, mas, como Gama, praticamente desapareceu das leituras e histórias da literatura brasileira do século XX.<sup>8</sup>

Não é meu objetivo, neste trabalho, posicionar-me definitivamente sobre a classificação de Gama como um escritor impressionista ou naturalista. Procurarei, no entanto, aprofundar um dos aspectos que me parecem mais decisivos no projeto literário que Gama buscou defender em seu ãlivro-e-meioö. No prefácio que escreve a *Histórias curtas*, intitulado ãNota para meu melhor leitorö, Gama (2001, p. 7) diz que gostaria que seus contos ãtivessem a amabilidade máxima de fazer trabalhar imaginações, sugerindo-lhe ideias, evocando memórias, recordando e criandoö.öEu quis escrever um livro que, senão forte e saudável, fosse ao menos impessoal, sem sombra pessimista nem desencanto nascido da contemplação prolongada da vida e dos seus vãos cuidadosö. Mas, reconhece o próprio Gama (2001, p. 7), ãrelendo as páginas aqui coligidas verifico que em tantos ãensaios de estiloø apenas falam em conclusão implícita a filosofia pessoal e a consequente amarguraö.

Nessa escolha, Gama abre largo espaço para as descrições e análises psicológicas. Esse aspecto permite um posicionamento distanciado do autor em relação a seus temas e personagens e a preparação do cenário para o desenlace. O uso de uma prosa erudita, mas suave e que não chega a ser pedante, apesar das imagens neoclássicas que invoca, favorece essa característica e o afasta de um discurso parnasiano. Como ocorrerá com a grande maioria dos seus contos, não há o apelo a situações dramáticas e, em tese, repugnantes, típicas do naturalismo tardio ou do decadentismo:

O estilo de Domício da Gama tem algo do Decadentismo, mas incorpora sua variante pessoal e sua idiossincrática escrita. É um estilo ao mesmo tempo ligeiro e que deseja ser profundo. A linguagem é direta, não há digressões exorbitantes e nem muito menos uma luxúria verbal que encantaria mais

<sup>8</sup>Pedro Paulo Catharina (2016, p.7) demonstrou, a partir de pesquisas na hemeroteca da Biblioteca Nacional, que Daudet foi o segundo escritor francês mais citado na imprensa brasileira do século 19, perdendo apenas para o próprio Zola.

pelo exibicionismo e malabarismo com recheios de adjetivos do que pela trama (FERNANDES, 2011, p. 23).

É interessante notar que os títulos escolhidos para seus livros resumem essas duas escolhas feitas por Gama: a preferência pelo conto (*short stories*, ou histórias curtas, em inglês) e o meio tom sugerido pela meia-tinta. A forma curta de Gama permitiu compor traços sutis, combinando-os de modo a expressar, de forma rápida, mas pessoal, amargos sentimentos e reflexões filosóficas. Também permitiram que Gama ficasse distante do ãestilo tropicalõ (VENTURA, 1991) que legitimou a literatura brasileira romântica e naturalista.

Nesse sentido, o conto *A bacante*, publicado tanto em *Contos a meia-tinta* quanto em *Histórias curtas*, mais até do que o prefácio dirigido ao leitor, resume o impasse entre o desejo de ser agradável e o resultado amargo dos escritos. Num conto que se aproxima do universo machadiano, por conta do trabalho com imagens que podemos encontrar, por exemplo, em *O espelho*, mas que indicam uma preferência não pela ação ou pelo movimento, Gama põe numa concorrência dois negociantes, colecionadores de obras de arte. Eles disputam a posse da peça que dá nome ao texto e que recebe no conto o nome de *A desejada*. Quando o comprador, ão comandanteõ, depara-se com ela, conforme o desejo do vendedor, que até ali o conduziu, ocorre o planejado pelo segundo: o primeiro estaca, pálido e comovido: ãOs olhos distraídos tomaram-lhe a expressão desejosamente adorativa de quem se acha sob o *coup de foudre* de uma paixão ardenteõ (GAMA, 2001, p. 16).<sup>9</sup>

Há, aparentemente, um afastamento das grandes questões nacionais e imediatas para um debate, na aparência, puramente estético. Tais características seriam notáveis num escritor que, poucos anos após a publicação do conto, enveredaria pela diplomacia e ocuparia mais à frente postos de destaque nos governos da República Velha. Entretanto, o desejo de possuir, quase que sexualmente, aquela representação feminina revela-se num jogo que não é o do dinheiro, mas o da negociação silenciosa, tipicamente política. Diante desse aspecto, arrisco uma interpretação alegórica de *A bacante*, em que o texto pode ganhar um contorno bastante diferente: datado de 27 de novembro de 1887 e publicado em livro em 1891, é tentador pensar na bacante como uma alegoria da República idealizada por diferentes correntes do movimento que levaria à queda do regime monárquico em 1889. A disputa entre dois homens por uma

<sup>9</sup> Para as citações dos contos de Gama, optamos por citar a edição de 2001 publicada pela Academia Brasileira de Letras, mais acessível, e que reúne os textos de *Contos a meia-tinta* quanto de *Histórias curtas*. A edição é também informativa, pois indica sempre, de modo claro, se cada conto foi publicado apenas no primeiro, apenas no segundo ou em ambos os livros.



peça desejada, nesse caso, não leva a uma solução, mas a um impasse: nenhum dos dois pode exercer completamente a paixão pela estátua em disputa que, acaba, nos primeiros anos do regime, período da publicação em livro do conto, nas mãos dos militares, ou, de certa forma, como no conto, destruída.

Esse clima de disputa de projetos, que antecedeu a ascensão republicana e dominou o debate político no início do século XIX, levará muitos republicanos a sentirem-se traídos pelo regime que ajudam a instaurar, alguns deles passando, inclusive, a defender objetivamente ou em tese a restauração da monarquia, uma questão estudada por Luís Martins em *O patriarca e o bacharel* (2008). Por outro lado, o mesmo conto permite perceber o impasse de uma disputa erótica e fetichista entre dois homens adultos, por uma estátua ou, simbolicamente, um ideal de mulher. Não podendo nenhum dos dois possuí-la de fato, o impasse não se resolve com a morte de um dos oponentes, mas com a destruição desse ideal de beleza que não encontra espaço para a materialização carnal. Estamos aqui diante de um conto que busca construir um lugar-comum estético, a discussão do que é belo e do que é arte. Qual em *O retrato de Dorian Gray*, o tempo afasta os homens da beleza, que, nesse caso, se destrói quando as personagens permitem que a vida se passe sem que se resolva o impasse da disputa pelo ideal.

Pode-se ser lido, com algum risco, como uma alegoria da política, parece ser evidente, também, que a bacante do conto permite também uma discussão sobre o efeito paralisante da beleza. Nesse sentido, é sintomático que o conto seguinte de *Histórias curtas* seja intitulado "Estudo do feio". É como se, após o estudo do belo, o autor quisesse contrapor o da feiura, num jogo que o próprio Gama estabelece com o leitor do livro. Nesse conto, o linguajar naturalista aparece, quando o protagonista, num baile de máscaras, noite de carnaval, olhava a sala onde, como num buraco de podridões, remexia-se sem cessar a multidão larvejante (2001, p. 25). Em oposição à beleza escultural, temos a feiura da vida, humana. Num outro lugar comum, Gama associa a beleza à mulher jovem e a feiura extrema a um homem rejeitado por uma mulher grande e roliça, que ri da feiura masculina, humilhada porque nem a lama o queria (2001, p. 26). Como observa Sandanello:

o reconhecimento da própria feiura dá-se por conta da ausência de possibilidade de exprimir-se, de demonstrar sua candura e bondade, impossibilitando suas aspirações pelo ambiente de desprezo social gerado pela hediondez de seu físico. A fonte de todo o mal está, portanto, nele próprio, vítima da censura alheia e também da autocensura (SANDANELLO, 2017, p. 197).

Em conjunto, esses dois contos formam um díptico que põem em questão o belo clássico e a pulsão sexual explícita, a sensualidade bela e artística, mas inatingível, e a sexualidade explícita e baixa, também não gozada pelo protagonista. Um terceiro conto, *Um primitivo*, publicado apenas em *Contos a meia-tinta*, complementa esse conjunto de textos em que se combinam o desejo de discutir questões artísticas e filosóficas com a amargura na realização. Nele, o capitão Antônio Luís contrata os serviços do pintor Mestre Camilo por cinquenta mil réis para a composição de um painel:

O gosto do capitão é dos mais superficiais possíveis, não havendo um pingão de senso estético em seu pedido por uns bonecos, umas coisas alegres e engraçadas. Interessa-lhe, sobretudo, um passatempo animado para os convivas de patiscada, que pretende reunir a propósito das festas juninas (SANDANELLO, 2017, p. 212).

Camilo, orgulhoso do seu trabalho honesto e livre (GAMA, 2001, p. 38), começa a produzir a obra que, no entanto, não é de todo do agrado do capitão. Inicia-se, então, uma outra negociação: entre o mecenas e o pintor, que têm, seguidas vezes, de mudar a composição ao gosto do autor da encomenda. No final, fica evidente o tom irônico do texto, diante das admirações e aplausos ao bom gosto do capitão Antônio Luís e à habilidade do Camilo (GAMA, 2001, p.41). Ainda que o dinheiro seja um componente do conto, o que Gama realmente explora é a negociação entre um poderoso e um artista, em que o poder e o dinheiro corrompem a arte que, sem muita alternativa, cede.

Há, nesses textos, algo em comum: a intangibilidade e a impossibilidade de aproximação entre o real e o imaginado, seja na arte, seja nos negócios, seja na política. Sua prosa mostra uma valorização não da ação e da transformação social, em tese as pedras de toque num momento de transformação radical da sociedade brasileira e de projetos literários mais contestadores (como foi o naturalismo) ou conformistas (o parnasianismo). Há essa combinação de impasse e negociação infrutífera, que na vida política teve expressão num fim da escravidão e numa mobilização de homens e mulheres para projetos de país que, ao fim e ao cabo, não foram inclusivos e nem radicalmente transformadores. A ficção de Gama sugere a percepção, mais do que uma racionalização, justamente dessa distância entre o ideal e o real, entre os projetos e as realizações, entre ambições e potências reais. Invertendo o biografismo clássico, parece não ser o caso de explicar a obra de arte pela trajetória diplomática de Gama, mas a possibilidade de ler nos seus contos o potencial diplomata de sucesso.

O sintomático, e talvez essa venha a ser uma boa chave de leitura de sua obra, tanto a publicada em livro quanto a que hoje podemos com alguma facilidade resgatar das páginas das publicações jornalísticas da virada do século XIX para o século XX, é que essa percepção também tenha contaminado a capacidade do autor de se fazer ler e de entrar no cânone: Gama, como poucos, encontrou as chaves da inserção social na república das letras da Primeira República, mas não encontrou os meios de fazer o aparentemente mais simples, que é abrir e adentrar as portas já destravadas da permanência literária.

### Referências

BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita Benevides. Agradecimento da Professora Maria Victoria Benevides. In. GAMA, Domício da. *Contos*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.

BRAFF, Menalton. Apresentação. In: SANDANELLO, Franco Baptista. *Domício da Gama e o impressionismo literário no Brasil*. Edição digital. Disponível em <[https://www.academia.edu/34231660/Impressionismo\\_e\\_literatura](https://www.academia.edu/34231660/Impressionismo_e_literatura)>. Acesso em 20 ago. 2017. São Luís/MA: EDUFMA, 2017.

BORGES, Luís Eduardo Ramos. *Vida e obra do escritor Domício da Gama: um resgate necessário*. Assis: UNESP, 1998. Tese de Doutorado.

CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. Circulation and Permanence of French Naturalist Literature in Brazil. In: *Excavatio*, nº 27, p1.-21. Disponível em <<https://sites.ualberta.ca/~aizen/excavatio/archives/v27.html>>. Acesso em 29 set. 2017. Alberta: AIZEN, 2016.

GAMA, Domício. *Contos*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.

FERNANDES, Ronaldo Costa. *Domício da Gama: cadeira 33, ocupante 1*. Rio de Janeiro/São Paulo: Academia Brasileira de Letras/Imprensa Oficial, 2011.

FRANÇA, Tereza Cristina Nascimento. *Self Made Nation: Domício da Gama e o pragmatismo do bom senso*. Tese de doutorado. Brasília: UnB, 2007. Disponível em <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/4895>>. Acesso em 25 set. 2017.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Atlas da Academia Brasileira de Letras / Presidência Machado de Assis (1896-1909)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.

MARTINS, Luís. *O patriarca e o bacharel*. 2ª Ed. São Paulo: Alameda, 2008.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira vol. IV (1877-1896)*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1979.

MENDES, Leonardo; LEITE, Paola Oliveira. As trajetórias de Suicida! (1895) e O terror dos maridos (1896), romances naturalistas esquecidos de Figueiredo Pimentel. In: *Soletras nº 30* - ISSN 2316 8838. São Gonçalo: Departamento de Letras/Faculdade de Formação de Professores da UERJ, 2015.

MENDONÇA, Lúcio de. *Discurso de recepção*. Em <<http://www.academia.org.br/academicos/domicio-da-gama/discurso-de-recepcao>>. Acesso em 20 set. 2017.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

MÓNICA, Maria Filomena. *Eça - Vida e obra de José Maria Eça de Queirós*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANDANELLO, Franco Baptista. *Domício da Gama e o impressionismo literário no Brasil*. Edição digital. Disponível em <[https://www.academia.edu/34231660/impressionismo\\_e\\_literatura](https://www.academia.edu/34231660/impressionismo_e_literatura)>. Acesso em 20 ago. 2017. São Luís/MA: EDUFMA, 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Difel, 1982.

VENANCIO FILHO, Alberto. Discurso do Acadêmico Alberto Venancio Filho. In. GAMA, Domício da. *Contos*. Rio de Janeiro: ABL, 2001.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção ó 1880-1920*. 2ª edição revista. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1957.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical ó história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ZOLA, Émile. *Le bon combat ó de Courbet aux impressionistes*. Edição de Jean-Paul Bouillon. aris: Hermann, 1974.

### Impasses and negotiations in the prose of Domitius da Gama

**Abstract:** Despite the strong political and social connections that Domício da Gama established in the literary circles both in Brazil and in Portugal while he was a diplomat and journalist, his fictional works were almost erased from Brazilian literary criticism during twentieth century. Some recent studies have rescued the author's short stories, which does not fit in the trends of the Belle Époque literature in Brazil. This article seeks to present some reasons for this obliteration, and also discuss Gama's short stories which questions both artistic production and perception.

**Keywords:** Domício da Gama. Brazilian Academy of Letters. Literary impressionism.

**Recebido em:** 14 de agosto de 2017.

**Aprovado em:** 28 de outubro de 2017.